

## Espaço de leitura: levar a ler em “lugares distantes”

### Space of reading: to take for reading in “distant places”

Alessandra Maria de Mesquita<sup>1</sup>

Zair Henrique Santos<sup>2</sup>

DOI: 10.28998/2317-9945.2020n64p47-58

#### **Resumo**

*O objetivo deste trabalho é estudar as (im)possibilidades de formar leitores literários a partir da criação de um espaço de leitura em uma escola pública. A metodologia adotada consiste em pesquisa de intervenção com a criação de um espaço de leitura na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa, Monte Alegre - PA, de outubro de 2017 a dezembro de 2018. A pesquisa tem quatro fases: análise situacional, criação do espaço de leitura, monitoramento das ações e avaliação. A base teórica do estudo é: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) e Saviani e Duarte (2010). Os resultados preliminares apontam que o espaço de leitura criado não é incluído no projeto político pedagógico da escola e as atividades de formação leitora não correspondem ainda a ações contínuas e coletivas no processo educativo.*

**Palavras-chave:** *Leitura. Formação do leitor. Biblioteca. Literatura*

#### **Abstract**

*The aim of this work is to study the (im)possibilities of educate literary readers by creating a reading space at school. The adopted methodology was the intervention research, with the creation of a reading space at Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa, in Monte Alegre - PA, from October 2017 to December 2018. The research is divided into four phases: situational analysis, creation of the reading space, monitoring of actions and evaluation. The theoretical framework of the study is: Britto (2012, 2015), Candido (2011), Silva (1984, 1993), Santos (2016), Bértolo (2014) and Saviani and Duarte (2010). The preliminary results indicate that the reading space that was created is not included in the pedagogical and political project of the school and the activities of reader's education are not included yet in the continuous and collective actions of the educational process.*

**Keywords:** *Reading. Reader's education. Library. Literature*

**Recebido em:** 11/01/2018.

**Aceito em:** 19/08/2018.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Proletras na Universidade Federal do Oeste do Pará. Professora de Ensino Fundamental.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e professor titular da Universidade Federal do Oeste do Pará.

## **Introdução**

Este trabalho se trata de uma ação que tem por objetivo proporcionar condições de formar leitores literários por meio da organização de um espaço de leitura na Escola Professora Rosália Simões Barbosa<sup>3</sup>, possibilitando aos usuários o acesso a livros literários e ampliação de repertório cultural. A expressão “lugares distantes” é utilizada por Santos (2016) para se referir a lugares que são distantes não só geograficamente como também longe dos bens culturais de direito que são da necessidade de todos que vivem em um estado democrático, como teatros, museus, livrarias, etc.

A proposição deste estudo se justifica pela relevância da leitura para a formação do ser humano quanto à construção de sua personalidade e conhecimento do mundo em que está inserido. Nessa perspectiva, a hipótese que orienta esta ação consiste em que um espaço de leitura com agentes bem formados pode proporcionar condições para a formação de leitores literários.

## **Metodologia**

A intervenção foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Rosália Simões Barbosa. A escolha da escola se justifica por se localizar em bairro periférico do município de Monte Alegre, estado do Pará, ofertar ensino fundamental regular de 1º a 9º ano e Educação de Jovens e Adultos a 555 alunos matriculados e não ter um espaço de leitura organizado e em pleno funcionamento.

As fontes de informações a serem utilizadas na investigação serão: observação do cotidiano escolar, registro das observações em caderno de campo, observação da utilização do espaço de leitura, das atividades realizadas pela comunidade escolar nesse espaço e a dinâmica da escola a partir da implantação.

Assim, o projeto que deu origem a este artigo se iniciou no 2º semestre de 2017 com o levantamento teórico-bibliográfico para subsidiar a pesquisa. De posse disso, o estudo tem quatro fases. Primeiro, ocorreu o reconhecimento do cotidiano escolar através de observações do dia-a-dia da escola. Com isso, está sendo possível verificar se as ações propostas na intervenção estão de acordo com a realidade da escola.

A segunda fase, na qual se encontra a pesquisa, corresponde à criação do espaço de leitura com levantamento do acervo que a escola detém e desenvolvimento de campanhas para a ampliação desse acervo com propagação da ação via mídias digitais, por meio de correio eletrônico, aplicativos de mensagens e redes sociais, e panfletos de divulgação da campanha distribuídos entre alunos, professores, pais e funcionários; divulgação da ação à comunidade escolar; inauguração do espaço de leitura, disponibilizando-o para visita pela comunidade escolar; empréstimo de livros e abertura aos professores para a implementação de atividades com os alunos nesse espaço.

---

<sup>3</sup> Escola localizada no bairro do Curaxi, no município de Monte Alegre, oeste do estado do Pará, distante geograficamente de Belém aproximadamente 623 km. A cidade é habitada por um número aproximado de 80 mil pessoas.

O terceiro ciclo terá como característica principal o monitoramento do funcionamento do lugar de ler e as ações de levar a ler, com o objetivo de descrever os efeitos dessas ações na dinâmica do cotidiano da escola.

Ao final de cada semestre será feita uma avaliação dos resultados da ação de levar a ler em “lugares distantes”, perpassando os benefícios, os avanços, enfim, as transformações e as dificuldades e limitações de implementação de um projeto desse porte no ensino fundamental e as suas implicações.

Apesar das fases do estudo chegarem ao fim porque precisam ser analisadas para a produção dos escritos acadêmicos, a intenção do trabalho consiste na continuidade do espaço de leitura, de forma que a escola se sinta responsável em mantê-lo em pleno funcionamento após a finalização da análise, tendo, portanto, a ciência de que a leitura literária é um direito do cidadão e uma forma de humanização.

## **Discussões**

A leitura literária é uma das temáticas pouco discutidas no campo da educação, apesar de sua grande relevância na formação do ser humano. Diante das tentativas de promoção dessa prática tão importante, algumas concepções de leitura chegam às escolas e perpassam os debates educacionais quanto à formação de leitores literários. Contudo, é preciso ter cautela quanto à implementação de políticas de incentivo à leitura no sentido de indagar que concepções são essas e a serviço de quem se promove a formação do leitor literário.

Para Britto (2012), o desenvolvimento da leitura literária está relacionado à formação de valores:

Promover literatura, promover leitura enquanto ação política significa que estamos interessados não em promover a leitura em si, mas sim em promover um conjunto de valores e comportamentos humanos dignos, necessários para a própria condição humana, e que estão, de alguma maneira muito importante, expressos e fundamentados na experiência artística. Estão expressos e fundamentados no texto e na arte literária (BRITTO, 2012, p. 112).

Nesse sentido, a promoção da leitura literária vai além de motivar simplesmente a leitura, a qual segundo Silva (1984) é um instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências. Trata-se de uma ação que assume um caráter político de formação humana por meio da construção de valores intrínsecos a este ser que se difere dos demais justamente pela sua capacidade de pensar e criar, demonstrada através da arte. Tais valores se manifestam na postura ética e em comportamentos sociopolíticos que podem ser influenciados com a prática da leitura literária.

Pensar educação é pensar politicamente uma formação consistente e que dê ao indivíduo subsídios teóricos para a sua práxis em sociedade. Nessa perspectiva, educação e literatura se constituem como grandes aliadas para o ser humano no que tange à sua formação, tendo em vista o valor imensurável da literatura para a condução da vida humana, e se apossar dos conhecimentos construídos através da literatura é um bem necessário, pois, segundo afirma Britto (2015, p. 34), “quando lemos, nos humanizamos”.

O ato de ler textos literários traz significativas contribuições na estruturação da personalidade individual, uma vez que mexe com os aspectos cognitivos da pessoa, de forma a propiciar a incorporação de comportamentos adequados à vivência social, bem como motiva a organização do pensamento e a assimilação de conteúdos novos por parte de quem lê. “Ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana. [...] A leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural” (SILVA, 1984, p. 41).

No que concerne à questão da humanização<sup>4</sup> oriunda desse tipo de leitura, Antônio Candido (2011) traz grande contribuição à discussão apresentando dois níveis humanizadores da produção literária. O primeiro acontece com a disposição das palavras em um todo articulado que leva à organização do ser humano e o segundo se refere ao uso da palavra para organizar o próprio mundo. Nessa perspectiva, o caráter humanizador da literatura está vinculado à formação da personalidade humana porque através dela é possível vivenciar diversas realidades. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p. 175).

Nesse sentido, o autor vê a literatura com uma amplitude que perpassa os mais diversos gêneros textuais e abrange diferentes dimensões da arte, bem como da essência humana nas suas variadas culturas. Nesse contexto, a literatura não é vista apenas como fruição estética, configura-se, portanto, como uma visão social, uma forma do homem pensar e ver o mundo.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional e dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2011, p. 174).

Na concepção de Antônio Candido, a literatura é considerada num âmbito universal de forma a ser um elemento próprio do ser humano. Para o autor, sendo esta arte uma criação humana, sua produção está onde há seres dessa espécie desde as classes mais baixas às mais elevadas da população. Nesse ínterim, não se pode pensar a literatura como algo mágico, voltada ao imaginário ou romantizada. Ela abrange uma dimensão bem maior, exerce um papel político e social na formação do indivíduo. Já dizia Agnes Heller (2000) que a arte e a ciência são as formas de elevação da vida cotidiana que produzem objetivações duradouras, de forma que a arte faz isso por proporcionar a autoconsciência e a memória da humanidade.

Umberto Eco (2001) também chama atenção para uma série de funções que a literatura tem na vida individual e social do ser humano. Uma das funções é apresentada pelo autor no que tange à manutenção da língua e do patrimônio coletivo. Em seu ensaio “A literatura contra o efêmero”, publicado na Folha de São Paulo, conclui dizendo que as histórias “já feitas” ensinam também a morrer e acrescenta a reflexão na crença de que a “educação para o fado e para a morte” (ECO, 2001) constitui uma das principais funções

---

<sup>4</sup> “O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção, a complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor” (CANDIDO, 2011, p. 180).

da literatura. Estaria, pois, a literatura para a apreensão da realidade experimentando a vida e os sentidos da morte.

Assim como Britto e Candido, Constantino Bértolo em seu livro *O Banquete dos Notáveis* (2014) também apresenta uma visão desmistificada da leitura literária, fugindo da romantização e da abordagem redentora da leitura, pensamento este que contraria muitas campanhas de formação de leitores que são largamente divulgadas pelas mídias de massa.

A literatura é, entre outras coisas, o lugar onde se pensam as palavras; as palavras coletivas e, portanto, e também, as palavras privadas. A literatura é o lugar onde se constrói o sentido e o significado das palavras e é, por isso mesmo, o lugar onde se constrói o sentido e o significado da existência, ou seja, o lugar onde se dá nome a isso que chamamos de realidade (BÉRTOLO, 2014, p. 127).

Nesse sentido, o autor trata da literatura como um espaço em que se constrói a realidade, onde se experiencia a existência humana por meio da palavra, a qual vai dando sentido à vida e formando os significados. Conforme Bértolo (2014), é justamente nesse ponto que a literatura assume lugar privilegiado na vida humana, por proporcionar a experiência por meio da leitura do texto literário e a percepção da existência.

Diante disso, é possível destacar a grande contribuição da literatura e, portanto, da leitura literária para o ensino não só de língua portuguesa, mas para a educação de modo geral, pois se trata de uma estância do saber que adentra a formação humana em sua totalidade, perpassando a construção de valores, comportamentos, atitudes e construção de conhecimento.

Dentro dessa discussão é válido contemplar também as palavras de Lajolo (2004) quanto à influência da literatura no que concerne às suas vantagens ao ensino e ao ser humano. Diz a autora que a literatura atua:

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de *criança e de jovem* (LAJOLO, 2004, p. 26-27).

Assim, reforça-se a importância da literatura na construção de caráter, na orientação de posturas adequadas perante a sociedade, na formação de sentimentos, enfim, nos diversos setores da essência humana ela pode influenciar e se sobressai como um elemento relevante a ser considerado e posto em prática diariamente na vida escolar, porque as vantagens que propicia são bens necessários ao homem, colocando-a num patamar que se iguala a direitos adquiridos no decorrer da história da humanidade, porém, esse direito ainda não é legalmente instituído, apesar de ser reconhecidamente considerado.

No que se refere à literatura enquanto um direito, alguns estudiosos defendem a ideia aproximando a fruição da literatura das necessidades primárias do ser humano, como a alimentação, a saúde e a educação, as quais Antônio Candido trata como bens

incompressíveis<sup>5</sup> que abrangem aspectos de sobrevivência física e integridade espiritual. Nessa perspectiva, o autor destaca duas linhas de pensamento no que tange à relação da literatura com os direitos humanos:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 2011, p. 186).

Diante desse posicionamento, evidencia-se o forte impacto da negação da literatura como direito na formação humana quando o autor trata da mutilação da personalidade e, por conseguinte, a mutilação da humanidade caso não seja dada à literatura o lugar que esta merece. Ademais, a discussão perpassa uma questão de cunho socioeconômico, pois as classes dominadas não têm acesso aos diferentes níveis de cultura por terem baixo poder aquisitivo. Isso porque na sociedade capitalista moderna a arte é constituída como um produto de consumo, como mercadoria, reservada aos que podem pagar para tê-la.

Nesse contexto mercadológico da arte, a leitura é vista por Silva (1993) como algo perigoso em virtude de sua função social, podendo reorganizar as experiências e dando ao ser humano novas formas de ver o mundo. Além disso, o autor admite que na sociedade brasileira, a qual é constituída por classes com interesses diferentes, “a leitura se apresenta como uma questão de privilégio e não *de direito* de toda a população” (SILVA, 1993, p. 15).

A questão se situa num plano ideologicamente implementado para a exclusão da maioria, visando a privação ao desenvolvimento crítico que a literatura é capaz de proporcionar. Como um sistema tão pernicioso e alienante quanto este que dita a ordem mundial pode dar voz ao povo? O máximo que oferece é inculcar na mente das pessoas a necessidade que se tem de consumir mercadorias (livros de massa) para participar da vida em sociedade. Porém, como ser partícipe dessa cultura se não se tem emprego, renda e nem mesmo condições mínimas de sobrevivência?

Nesse contexto, a problemática do acesso à literatura enquanto um direito se insere na falta de oportunidade que milhares de pessoas, e nessa estatística estão alunos oriundos de “lugares distantes” e até mesmo de grandes centros urbanos, que, no entanto, estão à margem da cultura produzida, que não têm sequer uma sala de aula decente e infraestrutura mínima para se considerar local de ensino, que não dispõem de merenda nem de uma educação de qualidade. Se não é disposto o mínimo necessário para se estudar – direito constitucional – vai se ter acesso à literatura? Não que esta esteja num nível mais baixo.

O sistema não pode dar ao povo a condição para que este se rebelde e tome o poder. Isso seria o seu fim. O acesso à literatura é capaz de transformar “a condição humana a outro patamar de existência” (BRITTO, 2012, p. 120). Contudo, o capitalismo

---

<sup>5</sup> Louis-joseph Lebre: bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém. Certos bens são obviamente incompressíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compressíveis como os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas (CANDIDO, 2011, p. 173).



ardilosamente faz da arte a indústria do ócio e do entretenimento, dispondo às camadas mais baixas da população a arte como produto de um mercado que busca acima de tudo o lucro e, como se isso fosse pouco, usa a indústria cultural como forma de alienação, ampliando cada vez mais a acumulação de bens por meio do consumo da arte e, concomitantemente, mantendo a desigualdade social e cultural, camuflando “um acesso” que se configura simples e exclusivamente como lógica de mercado e acúmulo de capital.

Apesar de toda essa discussão em torno do direito à literatura e as artimanhas do sistema capitalista, muitos estão de olhos fechados, condicionados a viver como se não houvesse outra saída, a não ser aceitar a ordem imposta. Mesmo com a desastrosa realidade que se apresenta, é preciso que, enquanto cidadão, o homem seja crítico e consciente de sua condição nessa sociedade injusta, indigna e desigual, porém, sem perder a sensibilidade e a utopia de dias melhores atingíveis via luta por melhores condições de vida e sobrevivência.

Nesse dilema que a vida moderna apresenta, a educação tem grande relevância para o homem, por ser, segundo Saviani e Duarte (2010, p. 431), o processo pelo qual cada indivíduo constitui “a universalidade própria do gênero humano”. E, nesse contexto, insere-se a literatura, em função de seu caráter formador no que tange à construção da condição humana. Assumindo tal percurso, portanto, educação e literatura caminham juntas visando “o processo de formação humana, como o contínuo movimento de apropriação das objetivações humanas produzidas ao longo da história” (SAVIANI; DUARTE, 2010, p. 432). Logo, confirma-se a importante ligação entre educação e literatura, pois por meio da leitura literária é possível questionar o homem e o mundo, bem como a sua atuação em sociedade. Silva (1993) colabora nessa discussão admitindo que a leitura do texto literário contribui para a liberdade e a transformação do homem.

Assim, as produções realizadas no decurso histórico da humanidade precisam estar acessíveis a todos por uma questão mesma de construção do ser, porque é dessa maneira que se chega ao ponto humanizador, participando da vida em sociedade, compartilhando conhecimento e se fazendo presente na e pela cultura.

É da natureza humana fantasiar, independentemente da classe social, cultura ou civilização. Imaginar é a única faculdade humana plena de liberdade individual criadora e, por isso, é direito de todos o acesso a esse bem, porque a literatura é um elemento essencial da cultura e, tendo caráter extremamente civilizatório, humanizador, possibilita às pessoas maiores e fundamentais condições de participação na ordem da vida, da dimensão fundamental da existência de forma ampla (SANTOS, 2016, p. 23).

Além da questão humanizadora já discutida anteriormente, a literatura também permite a organização do ser humano e a organização do mundo, sendo, portanto, condição *sine qua non* para o cidadão viver em sociedade de forma mais abrangente com uma visão ampliada do mundo. “Já não lemos para nos refugiarmos do mundo, mas para nos indignarmos com a ausência de reflexão” (BRITTO, 2012, p. 133). Trata-se de entender o que a realidade do mundo capitalista faz com as pessoas e ler literatura seria uma forma de compreender essa realidade e resistir à opressão, à alienação, à privação dos direitos. Indignar-se, revoltar-se e agir por uma sociedade que preza pelo bem comum sem privilegiar poucos em detrimento da exclusão da maioria.

Diante da importância vista na literatura e da necessidade da leitura literária para o ser humano entendida como um direito, vê-se a relevância em disseminar formas de promover

a formação de leitores literários. Outrossim, é possível destacar projetos desenvolvidos, como o proposto, com o objetivo de levar a ler em “lugares distantes” dos grandes centros culturais.

Assim, um exemplo de prática de formação de leitores de literatura infantojuvenil foi o Cantão da Leitura, projeto realizado pelas professoras Eliana Nascimento de Moraes e Maria Rita Alexandre de Lima Teles<sup>6</sup>, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Dátis Lima de Oliva, na comunidade de Canp, zona rural do município de Monte Alegre, no Oeste do Pará. O trabalho teve início em fevereiro de 2014 com aplicação de questionários acerca das práticas de leitura realizadas na escola. Depois, com a ajuda de comunitários, foram construídas mesa, bancos e um varal que serviram de suportes para 103 livros inicialmente. O acervo utilizado foi constituído pelos livros que a escola já possuía.

As acadêmicas desenvolveram a princípio atividades de leitura duas vezes por semana com uma turma de 6º ano no horário do intervalo das aulas. Depois, passou-se à leitura silenciosa e, com isso, os demais alunos foram tendo interesse quanto aos livros e começaram a pedir para levar para casa para lerem. As atividades também contagiaram funcionários da escola com relação ao empréstimo dos materiais. Após quatro meses de projeto, houve um momento de socialização das práticas de leituras, que passaram a ser desenvolvidas nas turmas a partir da sua implantação; depoimentos de professores demonstraram mudança na rotina da escola a partir do Cantão da leitura.

Em janeiro de 2015 o projeto foi apresentado pelas acadêmicas como Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Relato de experiência: promovendo a formação de leitores na Escola Dr. Dátis Lima de Oliva*. Infelizmente, a proposta de formação de leitores do Cantão da leitura não sobreviveu após o trabalho. No ano subsequente à realização da intervenção, a única das acadêmicas que era lotada na escola foi realocada para outra comunidade e muitos dos professores que acompanharam as atividades também foram para outros educandários.

A direção da escola foi substituída e os livros voltaram para um espaço chamado de biblioteca, porém utilizado como depósito, junto a livros didáticos, instrumentos musicais, materiais de limpeza, eletrônicos e didáticos. Ficou explícito que a ação se constituiu apenas como uma atividade para o TCC; não houve continuidade, a escola não incorporou o espaço de leitura como um bem de formação de leitores e que seria de sua responsabilidade mantê-lo em funcionamento.

Outra iniciativa de levar a ler em “lugares distantes” foi o projeto que deu origem à Monografia *Relato de experiência Espaço Isanildes Silva das Neves: formando leitores na várzea*, de autoria de Jonadabe Garcia e Alzenora Carvalho<sup>7</sup>. O trabalho foi realizado na Escola de Ipanema, área ribeirinha da cidade de Prainha, no Oeste do Pará. As atividades iniciaram com aplicação de questionários aos comunitários para saber se eles ajudariam a construir uma biblioteca na comunidade, a resposta afirmativa levou à concretização do Espaço de leitura inaugurado no dia 30 de abril de 2014.

---

<sup>6</sup> Acadêmicas do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfol –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

<sup>7</sup> Acadêmicos do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfor –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.



O acervo contou com doações de professores, pais, comunitários, livros do PNAIC<sup>8</sup> e outros que a escola já possuía, somando 998 livros de literatura infantojuvenil. As atividades ocorreram de março a novembro de 2014 com os acadêmicos e alunos do 8º ano e foram constituídas por escolhas de livros, empréstimos, leituras, produção textual, saraus e exposição de resumos sobre livros lidos. A adesão da comunidade escolar a essa iniciativa foi tão positiva que os pais e a escola se uniram para mandar um grupo de 15 alunos para o *IV Seminário de Ler Literatura: aprender e viver*, onde os acadêmicos fizeram exposição oral do projeto e os alunos apresentaram suas produções textuais.

No entanto, assim como no trabalho anteriormente citado, apenas um dos pesquisadores estava lotado na escola. A diferença no caso do espaço do Ipanema é que essa acadêmica é da comunidade e continuou sua jornada profissional no local. No ano seguinte à culminância do projeto, o acervo foi ampliado e um funcionário da escola ficou responsável pelo espaço nos dois turnos. Porém, o lugar serviu de sala de aula para uma turma de Educação de Jovens e Adultos. Nesse ponto já se observa decaída da esplêndida experiência de 2014, pois, funcionando como sala de aula, diminuiu o tempo para os alunos terem acesso aos livros. Dessa forma, a ação de levar a ler ficou fragilizada, pois se primou por ocupar o espaço de leitura como sala de aula.

Um terceiro exemplo de criação de espaço de levar a ler em “lugares distantes” consiste no Trabalho de Conclusão de Curso *Criando um espaço para promover a formação de leitores na Escola Municipal de Ensino Fundamental PA 254 km 11*, em Monte Alegre, Oeste do Pará, de Andria Arcanjo da Silva Araújo e Sandra Elena Couto Meireles<sup>9</sup>. Este, em função da falta de espaço na escola, restringiu sua realização ao “Armário de leitura”, título do projeto.

O acervo contou com o auxílio de pais, comunitários e funcionários da escola e juntamente com os livros do PNAIC somou 986 exemplares. As atividades se concentraram numa turma de 6º ano, porém o acesso aos livros foi livre a quem tivesse vontade de ler. O projeto foi aplicado na turma, às quintas-feiras, na aula de Língua Portuguesa e se estendeu de março a outubro de 2014 com leitura de livros de literatura e escrita sobre o que mais os alunos gostaram ou não gostaram quanto à leitura do livro, depoimento de adulto leitor sobre suas experiências de leitura e leitura pública de alunos na área da escola.

Numa segunda fase do projeto, ainda naquele ano, houve leituras em voz alta de livros de literatura pelas professoras e pelos alunos, o empréstimo aumentou, alunos de outras turmas se envolveram também. As atividades de práticas de leitura se espalharam pelo barracão próximo à escola, refeitório e sala de informática.

Dentre as três propostas apresentadas, a do Km 11 era a que menos se encaixava nos moldes de criação de espaço de levar a ler, pois fugiu a princípio da atividade devido a não contar com uma sala, mas um armário com livros. Porém, foi a que mais prosperou como formação de leitor, pois até hoje permanece o projeto e conta com a adesão de outros professores e da comunidade; inclusive já foi adquirido um terreno destinado à construção da biblioteca na comunidade.

---

<sup>8</sup> Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.

<sup>9</sup> Acadêmicos do Curso de Licenciatura Integrada em Letras: Português e Inglês, pelo Programa de Formação de Professores – Parfor –, Campus de Monte Alegre, Universidade Federal do Oeste do Pará.

Além desses, é preciso destacar a tese de doutorado do Professor Dr. Zair Henrique Santos, que utilizou os três trabalhos como objeto de estudo. Intitulada *Entre o compromisso e a realidade: relato e análise de uma ação de levar a ler no oeste do Pará*, a pesquisa do professor é um estudo acerca da promoção de leitura em espaços escolares do Ensino Fundamental nas três comunidades rurais do Oeste do Pará tratadas nos trabalhos mencionados.

A investigação buscou entender as possibilidades e os limites de levar a ler em lugares distantes. O estudo também contemplou a própria prática do professor-pesquisador como orientador de trabalho de TCC no campo da leitura. Utilizou pesquisa-ação tendo como recursos as narrativas dos TCCs supramencionados que foram orientados por ele, entrevista semiestruturada, visita aos lugares de ler organizados durante os trabalhos e anotações de pesquisa de campo. Por meio de pesquisa bibliográfica o professor discutiu questões sobre levar a ler, direito à leitura e à literatura e narrou os processos de vida e de formação dos professores que desenvolveram espaços de ler: “Por que transformações passaram os agentes e os lugares e, além disso, quais as possibilidades e limites de levar a ler nestes locais?” (SANTOS, 2016, p. 126).

Dos projetos de intervenção realizados pelos acadêmicos, apenas um se mantém em plena atividade, quanto aos outros dois, um não sobreviveu e o outro ainda continua, porém de maneira precária. Observa-se que na mesma quantidade e velocidade que são criados, os espaços de leitura desaparecem. Santos (2016) tece as seguintes considerações: a formação aligeirada dos professores, a falta de formação continuada, a falta de acesso a livros tanto por parte do professor como do aluno devido à carência de bibliotecas e o baixo poder aquisitivo de grande parcela da população da região Oeste do Pará são fatores que dificultam o desenvolvimento de ações consistentes de formação de leitor e impossibilitam o acesso a bens culturais. Além disso, a desvalorização da carreira docente obriga professores a assumirem mais carga horária, não dispondo de tempo para se dedicar à leitura e sua qualificação.

Dentre as possibilidades encontradas com o estudo de Santos (2016) está a parceria escola-comunidade em função de ações de levar a ler, o despertar do interesse do aluno pela literatura e a descoberta pelo mundo letrado, o descobrimento de um mundo cultural por meio da palavra, a possibilidade de enquanto professor poder avançar em seu próprio aprendizado, assim como dar subsídio ao aluno para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo na formação de leitores de literatura infantojuvenil.

A experiência nas três comunidades rurais, segundo Santos (2016), provou que o texto literário pode causar um grande impacto na vida cotidiana, oportuniza condições de participar da ordem da existência humana e pode desmistificar a versão da leitura literária como entretenimento, brincadeira, hora de descanso. Os três trabalhos permitiram também ver a literatura como uma experiência humana de representação da realidade.

Baseando-se nessas experiências, portanto, é que a pesquisa a ser realizada e que culminou neste texto se propõe a estudar as (im)possibilidades de formar leitores literários a partir da criação de um espaço de leitura na escola, por acreditar que é possível se desenvolver um trabalho com leitura literária que possa levar os alunos a desenvolver a criticidade, chegar à essência humana, perceber as possibilidades de transformação de si enquanto ser humano e conhecer o mundo por meio da literatura.

Diante do exposto, assume-se a educação na visão de Paulo Freire, a qual deve se realizar como prática libertadora, educação vista nesse contexto da formação de leitor como possibilidade para o aluno se ver enquanto um ser livre para buscar os sentidos do texto, percorrendo mundos desconhecidos por meio dos livros literários e desvelando verdades para construir os seus próprios significados, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais significativo por não se basear mais na Educação Bancária<sup>10</sup>, onde o professor é o detentor da verdade e a transfere para o aluno.

Portanto, tomar a literatura como um campo de atuação própria do ser humano permite relacioná-la à condição da existência do homem, assumindo-a, assim, enquanto um direito. Nesse contexto, a formação de leitores e a leitura do texto literário precisam ser vistas pela escola como prioridades, devido ao enfrentamento para a vida contido nesses processos, sendo necessário que sirvam de campo de encontro às outras áreas de atividade humana, porque a literatura está onde o homem se encontra, pois, independente de sua posição social, crença ou lugar, sempre haverá níveis de cultura em que se tenha presença humana.

### **Considerações finais**

Tendo em vista as discussões tecidas neste artigo, fica evidente a importância da leitura literária ao ser humano. Portanto, no que tange à educação, a maneira mais adequada de proporcionar essa tão valiosa prática é dar o acesso à literatura por meio de espaços de leitura ou biblioteca nas escolas. Mesmo porque é o que determina a lei.

Assim, faz-se necessário que as escolas, sendo lócus de formação, planejem-se e definam objetivos para a realização das ações pedagógicas voltadas à formação de leitores, caso contrário, tornar-se-ão inviáveis para o seu papel de construtoras de conhecimento.

Não obstante, apesar das observações críticas tecidas à prática pedagógica, é válido salientar que ações de formação de leitores por meio da criação de espaços de leitura na escola, no município de Monte Alegre, no ensino fundamental, podem ser vistas como um avanço à rede municipal de educação, pois essas ações têm possibilitado aos alunos acesso à literatura e consequente ampliação do repertório cultural desses educandos.

### **Referências**

BÉRTOLO, Constantino. **O banquete dos notáveis**: sobre leitura e crítica. Trad. Carolina Tárrio. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos**: a leitura além do óbvio. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.

---

<sup>10</sup> Expressão usada por Paulo Freire (1996) para definir o processo no qual o aluno é visto como um ser passivo, em que o professor deposita os conhecimentos, criando, assim, um banco de respostas em sua mente.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura:** biblioteca e formação. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2015.

CANDIDO, Antonio. A literatura como direito. *In:* CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 5 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011, p. 169-191.

ECO, Umberto. A literatura contra o efêmero. **Folha de São Paulo**, 18/02/2001. Disponível em: <http://biblioteca.folha.com.br/1/02/2001021801.html>. Acesso em: 17 set. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e história.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Editora Ática: 2004.

SANTOS, Zair Henrique. **Entre o compromisso e a realidade:** relato e análise de uma ação de levar a ler no Oeste do Pará. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set.-dez. 2010.

SILVA, E. T. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 1984.

SILVA, E. T. **Leitura na escola e na biblioteca.** São Paulo: Papyrus, 1993.